

---

# Cadernos ASLEGIS

ISSN 1677-9010 / [www.aslegis.org.br](http://www.aslegis.org.br)

---

## A seca, os cangaceiros e os beatos

**Luiz Henrique Cascelli de Azevedo**

*Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados*

Entre o século passado e os primeiros quarenta anos deste, desenvolveu-se no Nordeste brasileiro, especialmente na região englobada pelo Polígono das Secas, o chamado “cangaço”. Como bem exalta Maria Isaura Pereira de Queiroz<sup>1</sup> o cangaço não se constituiu num movimento social, mas antes “...uma resposta à miséria, o que se evidencia no fato de que desapareciam, quando a chegada das chuvas reinstalava o modo de vida habitual.”

Segundo a mesma autora, o termo “cangaço” foi empregado basicamente em dois sentidos: no primeiro deles os “cangaceiros” eram homens armados em grupos e que viviam diretamente ligados e mesmo sustentados por chefes de grandes famílias ou por chefes políticos. Posteriormente, e no sentido mais conhecido, passou a designar grupos de homens fortemente armados sob a liderança de um chefe, vivendo de maneira errante, por meio de saques, roubos e pilhagens. Este último sentido é que caracterizou tipos lendários no Nordeste brasileiro, como Antônio Silvino, Lampião, Corisco e muitos outros, ao passo que o primeiro sentido empregado designava uma relação ocorrente em todo o país.

De acordo com Gustavo Barroso, citado na obra antes referida, eram homens que “andavam debaixo do cangaço”, “chapéu-de-coiro, clavinotes, cartucheiras de pele de onça-pintada, longas facas enterçadas batendo na coxa”, conforme se dizia já por volta de 1834.

Sobreleva notar que o clima tem especial importância para o desenvolvimento desta “ocorrência social”, pois que enquanto os períodos de chuva e seca se alternavam dentro do mesmo ano como períodos distintos mas regulares, a vida seguia sem maiores tribulações. Por outra, como nos indica a autora sob comentário, quando um período de chuvas era frustrado, acumulando-se com outros de seca, de forma sucessiva, surgiam as retiradas até dos mais abastados. Estes, contudo, iam ao encontro de parentes estabelecidos em regiões não tão afetadas pela seca, enquanto os

---

<sup>1</sup> História do Cangaço. São Paulo, Global Editora, 1ª Edição, 1982. É de se observar a existência de outras obras sobre o tema como Lampião, seu tempo e seu Reinado, de Frederico Bezerra Maciel; Lampião na Bahia, de Oleone Coelho Fontes; Bandoleiros das Catingas, de Melchiades da Rocha; Lampião e seus cabras, de Luiz Luna; Lampião, de Raulpho Prata; Lampeão, de Optato Gueiros; O mundo estranho dos Cangaceiros, de Estácio de Lima; Serrote Preto \* Lampião seus suzaques e Lampião e a sociologia do cangaço, ambas de Rodrigues de Carvalho; Volta Seca, o menino cangaceiro, de Nertan Macedo, e tantas outras.

menos favorecidos, em busca de abrigo durante a árdua caminhada, eram afugentados para não dizimarem as poucas reservas de alimentos e água disponíveis. Entretanto, grupos de retirantes se notabilizaram pela prática de pilhagens e saques.

É de se ressaltar outro fator também apontado na obra: a diminuição geral das condições de vida, porquanto o modelo econômico então desenvolvido, que exigia grandes extensões de terra - já que esta não era tão generosa por razões sobretudo climáticas - para a manutenção do rebanho, foi afetado com o esfacelamento da grande propriedade rural, graças, principalmente, a razões de ordem hereditária. Isto contribuiu para a desvinculação dos bandos armados dos grandes fazendeiros, surgindo líderes como Lampião e Corisco.

Antes, porém, a autora destaca a figura de Cabeleira, romanceada por Franklin Távora, retratando fatos ocorridos no final do século XVIII. Outrossim, João Calangro, da região do Cariri (Ceará), que durante a seca de 1877 organizou grupo armado e Antônio Silvino, nascido em 1875, em Pernambuco, além de tantos outros.

No caso de Lampião, o seu ingresso nessa vida foi delineado já a partir do fato de que seu avô, tendo causado a morte de um inimigo político no Ceará, buscara abrigo em Pernambuco. O pai de Lampião, mais tarde, conseguiu adquirir uma fazenda em Ingazeira (Serra Talhada), local onde nasceram todos os filhos. Ocorre que o vizinho, José Saturnino, pertencia à família Nogueira, que era aliada dos Carvalhos, enquanto José Ferreira (pai de Lampião) estava mais próximo do grupo rival (dos Pereiras), o que deu ensejo a contendas. Quando José Saturnino conseguiu o poder local, José Ferreira mudou-se para Mata Grande em Alagoas, onde foi morto — naquela região havia também partidários da família dos Nogueiras. Nesse momento é que Lampião decide fazer justiça com as próprias mãos. Só parou com a vida nas caatingas quando foi morto.

Assim, a desorganização econômica, provocada pela seca, levava as autoridades e os proprietários, à mercê da violência dos famintos, a socorrer-se de quem tivesse a coragem de matar por pouco. Motivos de rixa política ou questões decorrentes do confronto entre vizinhos sobre os limites das propriedades, disputa do gado etc., eram também mais do que suficientes para provocar a formação de grupos, como é o caso do próprio Lampião, acima indicado. A descrença na Justiça (a serviço dos mais abastados), a independência de ação, a notoriedade, os produtos do saque e o aumento da capacidade econômica, enfim, o sentimento de poder, podem ser elencados como causas secundárias, mas não menos importantes para o ingresso na vida errante.

Outra manifestação marcante decorrente dos fatores climáticos, da estrutura social e política do Nordeste está no misticismo desmedido de muitos que vislumbraram, na perspectiva soteriológica deturpada, um refúgio confortante para as

aguras de uma vida miserável. Antônio Conselheiro foi um exemplo, talvez o mais ilustre, o mais explorado, mas não o único. Xavier de Oliveira<sup>2</sup> sobre a matéria indica: Beato da Cruz, fazendeiro proveniente de Natal, local em que, segundo consta, havia assassinado seu pai. Por volta de 1864, chegou a Juazeiro para pagar uma promessa, mas lá, observando a religiosidade local, buscou viabilizar suas delirantes idéias (talvez provocadas pelo parricídio que cometera): passou a usar uma batina azul, onde escondia um punhal, portava uma cruz no ombro, carregava uma Bíblia, freqüentava as igrejas, onde rezava e recitava a história dos Santos, buscando pessoalmente mirar-se em João Batista. Conduzia sempre um cordeirinho “o animal sagrado dos israelitas”.

O Beato Vicente, que morava na serra do Horto, perto da casa de campo do Padre Cícero, carregava nos ombros um machado, instrumento utilizado para cortar as madeiras que fossem necessárias para as obras do sacerdote. Usava também batina e carregava um saco de algodão, onde eram guardados os seus mantimentos.

O Beato Ricardo também era um cangaceiro: “Vagabundo, hipócrita, rezador, freqüentador da igrejas e dos lugares santos, vestido à frade: sem chapéu, batina de algodão tinto de preto, com semente de ‘coração de negro’ e lama de argila, cordão de São Francisco amarrado à cintura, uma dezena de rosários pendurados ao pescoço, uma cruz negra de penitente ao ombro, enfim, tudo ele tinha para ser o beato completo, que de fato era. (...) Quando conheci o beato em Juazeiro, e logo travei de relações com ele, era o seu emprego único – AJUDAR A MORRER AOS MORIBUNDOS, FAZER SENTINELA AOS DEFUNTOS E ENTERRAR OS MORTOS.” (grifos do autor).

E assim poderiam ser descritos tantos outros: Mané Coco Seco, Zé Pedro, Mané Chiquinha, Antônio Calangro, Pedro Pilé, Antônio Vaqueiro, Canuto Reis, Chico Pinheiro, Quintino, Zé Pinheiro, Coceito etc. Em cada qual se pode apurar uma imprecisão de conceitos e a confusão entre o âmbito terreno e o sobrenatural, diante, sobretudo, da falta de muitas perspectivas no primeiro plano.

Portanto, deve-se considerar que do caldeirão, onde se misturam a dureza do clima e a dificuldade social, é que surgem os cangaceiros e os místicos desviados, ficando claro que a seca não pode ser a responsável exclusiva pelo estado de coisas que até hoje perdura: ainda se têm notícias dos retirantes, da exploração política e até mesmo de muitos viventes à moda dos beatos descritos. Invariavelmente, a pobreza dos séculos passados perdura nos mesmos lugares nos dias de hoje. Talvez a única melhora esteja na eficácia em combater-se o grito dos inconformados.

<sup>2</sup> Beatos e Cangaceiros. Rio de Janeiro, 1920.

Em suma, quando o assunto é seca sempre me vem a cabeça a imagem do cangaceiro nordestino destemido, meio homem, meio mito, meio herói, meio bandido e a do beato caricato, iludido pela antevisão disforme de uma realidade mística que não consegue controlar.

O cenário é sempre o mesmo: terra seca, pouca água, vegetação contorcida pelos caprichos do tempo.

Reunidos, o homem e a terra, configura-se uma mesma realidade: a miséria humana que deixa miseráveis de um lado e o terreno inoperado de outro.

E o brado incontido destes homens sofridos ecoa na história, mas não é captado: passam-se os anos e a mesma miséria desafia, provoca, instiga, mas não obtém resposta.

É a mesma casa, feita com o mesmo material, incólume a melhoras, só suscetível à ruína. É a mesma falta de água. É a mesma falta de condições dignas de vida.

Assim, é possível observar uma perversidade que deixa tudo como mal está e ainda dispensa comentários sobre a bravura do homem, o inóspito clima e as dificuldades em se alterar o que pode ser alterado.

Hoje, homens secos que vão sobrevivendo à seca são ainda submetidos e seduzidos pelas mesmas dentaduras, os mesmos pés de calçado distribuídos em datas diferentes, a mesma humilhação, a mesma submissão. Recebem muito pouco para que as coisas permaneçam assim como há muito estão.